

## QUANDO OS DONOS DA MORDAÇA FALAM – ABUSO SEXUAL E MASCULINIDADES NA PERSPECTIVA DOS AUTORES

WHEN THE OWNERS OF THE GAG SPEAK – SEXUAL ABUSE AND MASCULINITIES IN THE PERSPECTIVE OF THE AUTHORS

Natã Souza Lima\*

**Cite este artigo:** LIMA, Natã Souza. Quando os donos da mordança falam – abuso sexual e masculinidades na perspectiva dos autores. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 82-94, 31 de dezembro. 2013. Semestral. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 31 de dezembro.

**Resumo:** Há quatro anos, o Creas de Manaus acolhe o Grupo de Autores, que, comandado por uma psicóloga voluntária, oferece assistência psicossocial a pessoas acusadas de abuso sexual. Este artigo pretende olhar para o Abuso Sexual na perspectiva de homens acusados de violência sexual contra crianças, confrontando as impressões sobre os casos de abuso com os discursos dos autores sobre a masculinidade.

**Palavras-chave:** Abuso Sexual; Masculinidades; Gênero; Violência Sexual.

**Abstract:** It's been four years that Creas from Manaus hosts the Group of Authors, who, led by a volunteer psychologist provides psychosocial assistance to people accused of sexual abuse. This article aims to look at the Sexual Abuse in the perspective of men accused of sexual violence against children, comparing the impressions of abuse cases with speeches from authors about masculinity.

**Keywords:** Sexual Abuse; Masculinities; Gender; Sexual Violence

*Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver [...]. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou: — Venha cá! Negrinha aproximou-se. — Abra a boca! Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só.*

Monteiro Lobato. Negrinha, 1923.

*[...] É um absurdo! Parece que a gente não tem voz depois que é acusado de uma coisa dessas! Parece que colocam uma mordança (suas mãos fingem uma*

*mordança e ele as leva em direção à boca com muita intensidade) em nós e a gente não pode falar!*

Magistri. Reunião do Grupo de Autores, 2012.

## Introdução

O atendimento e as campanhas de combate ao Abuso Sexual [1] em Manaus têm como foco principal as crianças e/ou adolescentes. As metodologias de atendimento elaboradas pelos profissionais que atuam nos órgãos da Rede de Proteção a Criança e ao Adolescente, são voltadas para o “fortalecimento da capacidade ‘protetiva’ da criança”. O esforço, além de amparar as vítimas de Abuso Sexual e suas famílias, é direcionado para ensinar às crianças e adolescentes, que algumas abordagens (toques, carinhos, promessas, ameaças) dos adultos podem não ser aceitáveis. A estratégia de combate ao Abuso Sexual, segundo essa perspectiva, é reforçar o cuidado das famílias com a criança ou adolescente, e “ensinar” as crianças/adolescentes a dizer “não”.

Em Manaus tem surgido outra possibilidade de atendimento, até então marginalizada, que visa alcançar o outro lado do problema, promovendo reuniões de assistência psicossocial para pessoas acusadas de Abuso Sexual. Chamado de *Grupo de Autores* esse atendimento vem sendo realizado há quatro anos, por iniciativa voluntária de uma psicóloga.

Este artigo parte da minha experiência das reuniões do Grupo de Autores, realizado no Centro de Referência Especializada em Assistência Social de Manaus (Creas- Manaus), observando as masculinidades e suas nuances, no atendimento psicossocial oferecido para acusados de violência sexual contra crianças e/ou adolescentes.

Este artigo passa por três etapas do processo de pesquisa. Primeiro, acerca dos suportes teóricos. Depois, sobre a experiência etnográfica com o Grupo de Autores. Por último, a relação que estabeleci entre um campo e outro, buscando relacionar conceitos e prática, e, sobretudo, buscando identificar quais as possibilidades de falar do Abuso Sexual, tirando a responsabilidade que tem sido colocada sobre as vítimas e suas famílias. Pretendo falar de abusos sexuais já feitos, por meio daqueles que talvez tenham algo a dizer, e não daqueles que foram calados pela violência.

## 1. Masculinidades e Abuso Sexual

Abuso Sexual de crianças e/ou adolescentes – que também remete a outros termos, como a pedofilia, associada à doença psiquiátrica, ou exploração sexual [2], agravada pela exploração financeira/comercial – tem sido concebido como um problema social [3] do nosso tempo. Segundo Lowenkron (2010, p. 05),

“abuso sexual” emerge enquanto problema político, relacionado às desigualdades de gênero, por volta dos anos 1960, a partir da atuação da segunda onda do movimento feminista, que formula a crítica ao “modelo patriarcal” de família, que legitimaria a violência de homens contra mulheres e

de adultos contra crianças. Na passagem da década de 1980 para a de 1990, essa crítica é incorporada pelos movimentos sociais emergentes que atuam na defesa dos direitos da criança e do adolescente, que passam a tratar o “abuso sexual infanto-juvenil” enquanto uma questão política particularizada e especialmente dramática.

Como muitos pesquisadores que já se dedicaram ao tema da violência sexual nas ciências sociais (ZANOTA, 2004; WELZER-LANG, 2004.; WIGGERS, 2008; GREGORI, 1993), percebo, na pesquisa com o Grupo de Autores, que as práticas mais comuns associadas a masculinidade utilizando a violência como recurso são para legitimação de “ser homem, macho”[4].

O conceito de masculinidades surge nos estudos de gênero, inicialmente trabalhado por R. W. Connell, principalmente através da publicação de seu livro “Masculinities”, em 1995. Connell (1995, pp. 188) define masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. O autor ainda afirma que existe um modelo hegemônico de masculinidade, “tão predominante que muitos crêem que as características e condutas associadas ao mesmo sejam ‘naturais’” (CONNELL, 1995, p. 190)

O movimento feminista em meados dos anos 70 elaborou a compreensão do masculino através da teoria do patriarcado, onde as mulheres estariam submetidas à dominação masculina. Era importante para o movimento feminista definir o outro contra quem se deveria lutar. O conceito de masculinidade hegemônica de Connell surge nesse contexto, utilizando o conceito gramsciano de Hegemonia. Muitas críticas foram feitas a ambas as categorias – de patriarcado e masculinidade hegemônica -, já que nos estudos de gênero, masculino e feminino estão em relação, não havendo a subordinação total de um pelo outro.

Gregori (1993), em *Cenas e Queixas*, elabora uma análise das relações de violência conjugal, partindo da perspectiva de que esses conflitos podem ser percebidos como um jogo, onde cada um tem suas estratégias. O eixo vítima e agressor, nesses trabalhos, não é fixo, mas relativo. Ainda que a mulher seja a mais prejudicada há possibilidades de ação e reação. Cientistas Políticos também reforçam as críticas ao mau uso do termo hegemonia afirmando que “o adjetivo ‘hegemônico’, derivado de Gramsci, surge como um sério problema teórico, uma vez que o termo implica constante luta pela posição de preponderância” (MENDES, 2006, p. 02).

No entanto, por conta de uma abordagem que articula experiência etnográfica e teoria, tenho refletido sobre masculinidades, influenciado pelas contribuições do antropólogo Miguel Vale de Almeida. Em “Senhores de Si”, ele analisa masculinidades em Pardais, através das histórias/trajetórias de alguns homens que fazem parte de uma comunidade do Alentejo em Portugal. No artigo “Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso do Sul de Portugal”, onde revisita alguns temas do livro “Senhores de Si”, Miguel define masculinidade como:

Metáfora de poder e de capacidade de ação, como tal acessível a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de

gênero. É o termo que cobre todo o campo de investigação que, na área dos estudos sobre o gênero e a sexualidade, se reporta a significados culturais da pessoa, que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da essência dos homens, são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interação humana e da vida sociocultural. (ALMEIDA, 1996, pp. 191)

Geralmente, o conceito de masculinidades é usado em temas diferentes deste, e vem sendo bastante trabalhado nos estudos sobre homossexualidade. Quanto a violência, tem sido abordado principalmente por pesquisadores interessados em entender como se dão as relações de gênero, em casos de violência doméstica e violência sexual contra mulheres, crimes motivados por homofobia, lesbofobia, transfobia e etc.

## 2. O Grupo

O Grupo de Autores funciona no Creas-Manaus há quatro anos e foi idealizado por uma psicóloga que, voluntariamente, fundou o grupo e o coordena. Ser uma profissional bastante respeitada por seus pares, e bastante conhecida entre os psicólogos de Manaus, lhe conferiu a possibilidade de concretizar um trabalho voluntário tão controverso: o atendimento psicossocial a autores de abuso sexual.

Membros da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Manaus são contra o atendimento psicossocial prestado através do Grupo de Autores, pois consideram que acusações de abuso devem ser resolvidas apenas pela justiça, através de cárcere ou intervenção policial. A iniciativa recebeu apoio da coordenadora do Creas, e sem sua autorização, a permanência das reuniões do grupo nessa instituição, em tais circunstâncias, não seria possível.

A equipe que dá assistência ao Grupo é composta pela psicóloga que coordena o grupo; por outro psicólogo recém-formado, que começou a trabalhar no grupo como voluntário quando ainda era graduando; e por mim, graduando em Ciências Sociais, como pesquisador. O grupo conta com quatro autores [5] frequentes, e outros que comparecem esporadicamente as reuniões: Magistri, Rei Salomão, Chefe e Major [6].

A parceria com o Creas, atualmente, dá-se apenas na cessão do espaço para funcionamento das reuniões. A equipe do órgão, ou pelo menos parte dela, realizava atendimentos individuais a acusados de abuso sexual, encaminhando-os para o atendimento em grupo. Os atendimentos individuais eram realizados com apoio de alguns estagiários contratados pelo Creas, alunos de serviço social e psicologia. Mas, atualmente não há profissionais da instituição que dêem suporte ao Grupo e poucos tem sido os encaminhamentos feitos pela equipe do Creas ao Grupo de Autores. Não existe uma abordagem continuada – um feedback – entre profissionais do Creas e a equipe que trabalha no Grupo.

## 3. Nem os demônios, nem os santos, apenas papéis e “cuidados”

Geralmente todas as reuniões do grupo são iniciadas com uma prece. Esta foi uma estratégia elaborada pela psicóloga que coordena as reuniões, que segundo ela, tem a função de evitar explicações sobrenaturais para o ato do abuso sexual, uma vez que os autores geralmente

tendem a culpar ações demoníacas pelo ato que eles cometeram. A prece limita as “intervenções sobrenaturais”, alegadas pelos autores, apenas à crença, não deixando margem a esse discurso no decorrer da reunião.

A prece não surge do nada, nem como uma obrigatoriedade. Não tem que ser feita exatamente nos momentos iniciais em que tempo e espaço nos são comuns. Pelo contrário, chegamos a horários diferentes no Creas e quando nos encontramos, conversamos sobre assuntos diversos. A prece ainda não fora feita. As agitações do trânsito da cidade, das atividades que temos lá fora e das responsabilidades, compõem sensações mistas, revividas e comentadas. Todavia, esses sentimentos do cotidiano vão se abrando com a conversa informal. E quando todos já estão mais calmos, fora do ritmo da cidade “lá fora” alguém diz: “vamos fazer a prece?”.

Já houve situações em que não fizemos prece no início. Foram dias em que estávamos com problemas envolvendo alguns autores, e que as conversas que vinham de fora tinham de fazer parte daquelas que teríamos no grupo. Foi o caso de quando um dos autores foi intimado pela justiça, situação que até ali, nenhum dos nossos membros tinha passado. Naquele dia todos chegaram à reunião sabendo disso, e falando de como deveríamos encarar a situação.

Além de estratégia e marco, a prece também tem a função de estabelecer o tom da reunião. As performances são mais bem elaboradas quando há prece no início, e assim, há mais informações latentes nas falas dos autores. Quando não há prece, fala-se de forma mais explícita sobre as inquietações, entretanto, a metodologia proposta para o atendimento psicossocial no Grupo é parcialmente deixada de lado.

O método utilizado pelos psicólogos que assistem o Grupo é baseado na Teoria de Papéis, ou psicodrama, que propõe um auto esclarecimento sobre os papéis que exercemos no cotidiano, a fim de perceber se esses estão sendo realizados a partir de reflexões sobre a ação ou simplesmente por reflexos.

Essa teoria, como tem sido abordada no Grupo, sugere que ações realizadas por reflexos são baseadas, não em instintos do corpo biológico, mas na lógica histórica e social em que o indivíduo está inserido. A partir desse eixo teórico, sempre explicado pela psicóloga quando um acusado de abuso chega ao grupo, os autores são convidados a repensar seus “papéis”, a forma de como atuam no cotidiano. As conversas das reuniões muitas vezes abraçam essa reflexão, e há autores que criaram métodos particulares de manter essa “vigilância” sobre si, sobre que papéis estão exercendo e se estão os cumprindo da melhor forma [7].

Porém, a Teoria de papéis, ou psicodrama, não é utilizada no Grupo como método que possibilita a não repetição do abuso sexual por parte do autor. É antes, uma forma de dizer aos autores que é necessário ter cuidado e ser cuidado. Os dois termos tem significados distintos, mas complementares. O primeiro termo, cuidado, é a restrição de crianças e adolescentes como objeto de desejo sexual adulto. E também a indicação de que a violência não deve ser o recurso para a realização do desejo. O segundo termo, ser cuidado, é o exercício de interioridade no

masculino, ou seja, a possibilidade de ser afetado por sentimentos e emoções. É também uma proposta de que o masculino não precisa ser associado a controle.

Toda a metodologia de atendimento do Grupo de Autores é voltada para a retenção do desejo, baseada principalmente nessas duas noções de cuidado. O Grupo de Autores propõe, sobretudo, que certas formas de controle da sexualidade são necessárias.

#### 4. Trajetórias dos Autores

Para compreensão e elaboração de uma análise da masculinidade, descrevo as trajetórias dos autores a partir do ato de abuso sexual. São relatos obtidos através das conversas durante as reuniões do Grupo de Autores, ou por meio de conversas que tive sozinho com alguns deles. Os relatos que seguem não têm a mesma densidade, o que mostra que alguns membros do Grupo são mais abertos a pesquisa e outros nem tanto. Apesar disso, também optei por priorizar as descrições, trazendo para este artigo falas que demonstrassem um panorama de como a história de cada um deles, está associada às noções de “ser homem”.

\* \* \*

Rei Salomão tem mais de sessenta anos, é aposentado por invalidez, pois tem graves problemas de visão. É evangélico, e foi acusado de cometer abuso contra o neto da atual esposa. Nas fichas de atendimento **[8]** “explica” que o garoto contra quem cometeu o abuso era muito “traquino”. Rei Salomão já participa das reuniões do grupo de autores há pelo menos dois anos.

Quando jovem admirava a história bíblica do Rei Salomão, fascinado principalmente com a quantidade de mulheres que o personagem tinha. Tal fascínio o levou decidir “ser que nem esse Salomão aí”. Teve dezessete casamentos, e tem quatorze filhos **[9]**, mas não mantém contato com todos.

Seu primeiro relacionamento sexual foi aos quatorze anos de idade com uma moça de vinte e dois anos, com quem tinha amizade devido ao trabalho no roçado próximo ao da sua família. Um dia, chegando do roçado, Rei Salomão encontrou o tio em casa e contou-lhe sobre a moça:

Seu tio lhe perguntou: “e tu fez o quê? Tu não fez nada?!” e riu do garoto. No dia seguinte recebeu do tio uma revista pornográfica e as seguintes recomendações: “Leva isso aqui pro trabalho e mostra pra ela”. E assim Rei Salomão fez. Chegando ao roçado ele folheou a revista com a moça. “E ela dizia: olha já **[10]**... deixa disso menino”, e ria. Até que a moça cedeu e Rei Salomão consumou sua primeira relação sexual. Desse relacionamento, segundo ele uma única vez, nasceu seu filho mais velho. Ele queria casar, mas o juiz disse que não precisava, só se ele fosse mais velho do que ela. Então ele não casou, e mais tarde foi embora da casa do tio. Nunca mais viu nenhum dos dois, nem o filho, nem a mulher. (Diário de Campo – Grupo de Autores, 10/02/2012)

Em Parintins, terra de seu pai, casou-se com a mulher “que lhe deu” mais filhos, três ao todo. Porém, tinha o sonho de cuidar de uma fazenda que fosse apenas sua, então se separou da mulher, deixando os filhos sob o cuidado dela na casa de seus pais. Algum tempo depois, depois

de ter saído dessa fazenda onde trabalhava por conta de desentendimentos com seu patrão, que descontava do seu salário valores exorbitantes relativos aos gastos com comida e habitação precária, Rei Salomão voltou a Parintins para pegar dois filhos, dos três que foram deixados pela ex-mulher na casa dos pais, e com eles viajou para Manaus. Pouco tempo depois, cerca de dois anos, Rei Salomão voltou à casa dos pais para devolver os dois filhos aos seus cuidados, retornando a Manaus em seguida, cidade que escolheu para trabalhar e morar.

Em Manaus, teve diversos relacionamentos curtos dos quais nasceram vários outros filhos, com quem sequer mantém contato. À medida que se separava das mulheres, Rei Salomão, também se separava dos filhos.

Chegou a ficar casado por um mês, com uma mulher que já estava grávida:

Ela não tinha lugar pra morar, tava grávida de outro e era bonitinha. Eu tava procurando alguém pra casar, que eu tava um tempão sem mulher, aí disse pra ela que eu casava mais ela e criava o filho que tava na barriga dela. Aí ela foi lá pra casa, cuidava da casa direitinho, mas quando chegava de noite, na hora de comparecer, ela não queria nada. Aí eu disse ‘não pode, desse jeito... eu não to deixando nada faltar pra você, e você não me quer’. E ela continuou recusando, até que de tanto eu insistir ela disse bem assim: ‘Tu pode até fazer, mais se tu fizer, amanhã e u vou embora daqui e tu nunca mais me vê!’. Aí eu disse: ‘Conversa, que tu não vai embora daqui não.’ Aí eu fiz. Quando foi de manhã, eu acordei e a mesa do café tava posta, mas ela não tava mais lá. (Diário de Campo – Grupo de Autores, 10/02/2012)

Conhece sua atual esposa há quinze anos, mas não está casado todo esse tempo com ela. Nesse ínterim, tornou-se evangélico, sendo hoje, uma pessoa influente na comunidade da igreja que frequenta. Depois de crente, e casado retomou o contato com os filhos, que cresceram na casa do avô, o pai de Rei Salomão.

A esposa de Rei Salomão tinha um filho de outro relacionamento. Já adulto, e com um filho, o rapaz costumava visitar a casa da mãe, sempre levando o filho. Um dia, precisou sair e deixou o menino sobre os cuidados da mãe. Nesse dia, a esposa de Rei Salomão, que trabalha fazendo serviços de faxina e lavando roupas por encomenda, foi chamada para fazer um serviço. Ela aceitou o trabalho, deixando o neto com Rei Salomão, que nesse dia abusou sexualmente do garoto. O caso chegou ao Creas, que recebeu não só a criança, mas também ouviu o autor do abuso, encaminhando-o para o Grupo de Autores.

O segundo caso é o de Chefe, que é, dentre os que frequentaram o Grupo desde sua fundação, o único que ainda permanece.

Chefe, nas primeiras reuniões que assisti do Grupo de Autores, deixou claro que exercia maior influência sobre os outros membros e partilhava da confiança da psicóloga. Na primeira reunião que participei, e na qual fui submetido a análise dos Autores, o Chefe pronunciou-se favorável a minha permanência alegando que poderia ser uma forma de visibilizar o Grupo para outras pessoas que precisassem. Sua postura era a de um “chefe” diante de sua equipe de trabalho. Peito erguido, cabeça bem levantada, e o olhar muito direto, tentando passar firmeza.

Ainda que nem todos concordassem tanto, ele concordou e, para os outros, isso bastava. Nessa reunião ele não foi o alvo de atenções, mas minha chegada e o meu pedido para que aceitassem a pesquisa o manteve todo o tempo naquela postura “paternal”.

Na reunião seguinte, a imagem que eu tinha dele balançou um pouco. Quando entrei na sala Chefe já estava lá. Não estava erguido com outrora, mas curvado, com o semblante abatido e cansado. Soubemos então que o Chefe tinha recebido uma intimação para comparecer à primeira audiência do julgamento sobre o caso de Abuso Sexual em que estava envolvido. A reunião nesse dia foi tensa. Se o líder de um grupo se desespera com alguma possibilidade de fracasso ou derrota, isso influencia também seus liderados. Assim foi nesse dia. A preocupação e o medo da punição judicial sentidos por Chefe afetaram todos os autores presentes naquela reunião.

Uma queixa sobre o oficial de justiça foi o estopim das indignações. Chefe nos contou que o oficial iria considerá-lo foragido, pois havia tentado encontrá-lo outras três vezes, mas sem sucesso. O problema relatado provocou indignação nos demais, que, prontamente, compartilharam as falhas do sistema jurídico no acompanhamento a seus respectivos casos. Aqueles que não viveram tais “falhas” da justiça ou de órgãos de atendimento psicossocial, falaram, por exemplo, dos preconceitos da sociedade sobre os homens. Chefe ouviu tudo isso calado, um pouco cabisbaixo. Percebi que a indignação dos colegas lhe parecia como medo, expiação, mudança de foco. Em meio àqueles relatos, Chefe levantou a cabeça e disse: “Nós fizemos, então nós temos que pagar”. Essas palavras pesaram no lugar, deixando sala silenciosa.

Chefe e eu conversamos apenas uma vez sozinhos. Mas, nessa conversa falamos abertamente um com o outro, coisa que nunca havia acontecido nas reuniões formais do Grupo. Eu comentei que estávamos tentando fazer com que a parceria entre o Grupo de Autores e o Creas, voltasse a acontecer como antes, quando mais autores tinham atendimento psicossocial individual e havia mais encaminhamentos de autores para o Grupo. Falei que considerava uma pena que tão poucas pessoas estivessem chegando ao Grupo. Abaixo, descrevo a partir dos diários de campo como a cena se seguiu:

“Ainda bem né?”. Então lhe perguntei: “Ainda bem o quê?”, ao que ele me respondeu, “Ainda bem que não tem mais pessoas vindo pro grupo, quer dizer que tem menos pessoas fazendo isso.” E eu lhe disse: “É, mas a gente sabe que não acabou... que tem muitos casos de abuso acontecendo. Sem contar os casos que não são denunciados”. Então, Chefe comentou, refletindo: “É isso é verdade, ainda acontece né? Infelizmente. Isso é uma coisa muito difícil sabe? Quando aconteceu comigo foi muito difícil de dizer. Da minha família só quem sabe é quem mora na minha casa e minha irmã, que não mora comigo. Mas, eu queria dizer o que eu fiz pro meu cunhado, por exemplo, porque eu falo tudo pra ele. Queria saber como que ele iria reagir, se ele ia continuar sendo meu amigo. Minha mãe, que morreu no ano passado, como eu contei aqui, foi sem saber. E eu queria muito ter contado pra ela. Teve até uma hora que eu tava com ela antes dela falecer, que me deu uma vontade de contar... Mas eu não consegui.” (Diário de Campo, conversa com Chefe - 22/06/2012)



Em seguida Chefe me contou sobre o abuso sexual. A sua fala seguiu uma linearidade importante:

É muito difícil dizer. Ainda mais que as pessoas inventam muito. Aumentam e não dão chance da pessoa falar. Eu não acredito muito no que esses jornais dizem não, principalmente em papel. Quando isso aconteceu comigo, de eu ser acusado eu assumi o que eu fiz, mas o laudo dizia umas coisas que eu não tinha feito, que não era verdade. Dizia lá que eu tinha...que ela não era mais moça e que fazia um ano que tava[...]. Eu só me masturbava na frente dela... eu tava me masturbando e ela... na verdade foi uma vez só eu acho... talvez no máximo duas que eu entrei no quarto e me masturbei na frente dela.O Chefe não me olhava mais diretamente. Seu corpo estava cabisbaixo. Levantou um pouco a cabeça e me analisou. Seu corpo voltou a posição e continuou a falar: “Por isso que eu não confio em papel. O laudo dizia uma coisa que eu não fiz, até por que inventam algumas coisas. Hoje ela tem treze anos. Na época tinha nove. Aí depois que eu entrei aqui eu disse pras psicólogas que me atenderam o que era a verdade, aí elas verificaram e viram que era assim. Por que eu só me masturbei. Eu sei que eu fiz errado, que foi feio isso, que eu não devia ter feito. Mas ainda é moça... ela disse que ainda é moça”. (Diário de Campo, conversa com Chefe - 22/06/2012).

A menina de quem Chefe abusou é filha da sua filha de criação. Quando a família de Chefe soube do caso, encaminhou o caso ao Creas. Um de seus filhos que é policial militar, e teve certos cuidados em fazer a denúncia procurando levar o caso de abuso sexual a órgãos onde a intervenção policial fosse minimizada. Chegou ao Creas a partir do atendimento psicossocial prestado a menina. Foi o primeiro acusado de abuso sexual a fazer parte do Grupo de Autores.

Diferente de Chefe, Magistri tem frequência instável nas reuniões do Grupo de Autores. Geralmente cede aos momentos em que outros membros falam sobre algo acerca de injustiça contra os acusados que fazem parte do Grupo. Magistri é o único dos autores com nível superior completo, e trabalha como professor numa escola para adultos. É casado, mas não tem filhos. Trabalhava numa escola pública como professor do ensino fundamental.

Não era um professor qualquer, pois tinha muita influência no bairro, e era respeitado pela comunidade escolar (pais e professores). Acusado de abusar sexualmente de pelo menos vinte meninas da escola, todas suas alunas. O caso provocou grande impacto na comunidade, pois muitos pais e professores ficaram do lado de Magistri, acreditando que tudo não passava de imaginação das meninas, ou complô de alunas contra seu professor.

Outra parte da comunidade era contra, fez a denúncia e queria a imediata demissão do professor. Devido aos impasses, que poderiam chegar a violência, o Creas teve que intervir com urgência, e sob toda a pressão das circunstâncias, Magistri admitiu que praticasse os abusos contra as meninas.

Segundo as fichas de atendimento, os abusos ocorriam no horário de reforço escolar, que Magistri oferecia. As crianças que estavam com notas ruins podiam ficar com ele depois dos tempos de aula, e nesse horário, Magistri, abusava sexualmente das alunas, com beliscões nos mamilos, toques na vagina, beijos, além de forçá-las a tocar em seu pênis. Em seguida, o professor as ameaçava para que não contassem nada.

Foi afastado da escola, e transferido para um CEJA, Centro de Educação para Jovens e Adultos. Também precisou mudar do bairro, pois todos por ali conheceram a sua história. Seu relacionamento com a esposa balançou muito, tanto que ela o acompanhava durante os atendimentos psicossociais individuais.

Magistri é muito cordial e simpático. Isso é evidente no seu modo de tratar as pessoas no Grupo, sempre com muito respeito. Mas, quanto aos abusos sexuais que praticara, é sempre muito inquieto. No Grupo, há uma abordagem específica para Magistri, voltada à relação entre ele e a esposa, e na tentativa de melhorar sua auto-estima. É um homem curvado, com óculos grandes e lentes de vidro. É católico praticante e além do Grupo de Autores frequenta um grupo para casais na igreja. Sua recente contratação numa escola particular como professor de crianças tem preocupado os profissionais do Creas. Está há pouco mais de dois anos no grupo.

Certeza e dúvida diferenciam, para as profissionais do Creas, os casos de Magistri e de Major. Ao contrário do relato anterior, não há nenhum diagnóstico das psicólogas sobre Major, que foi acusado de cometer abuso sexual contra a filha. Major é militar recém-admitido na inteligência do exército brasileiro e também faz um curso superior. Tem mais de trinta e cinco anos de idade. Recebeu-me bem no Grupo, nossa primeira conversa foi sobre nossos cursos. Foi acusado do abuso sexual pela esposa, mas, segundo as psicólogas que cuidaram do caso, há a possibilidade de alienação parental, da mãe em relação à filha e contra Major.

Major, no entanto, continua frequentando as reuniões do grupo. Disse para Lígia que o grupo “é uma forma de fazer terapia sem pagar”. Acho muito curioso o fato de ele parecer não ter alguma repulsa aos outros autores. Percebi em algumas conversas que esse sentimento, de repulsa, existe nele, mas não sei até que ponto. Na mesma reunião em que Rei Salomão nos contou sobre sua intimidade sexual, nos falou de outro caso que teve com uma mulher que estava grávida.

Rei Salomão disse: “Aí ela foi lá pra casa, cuidava da casa direitinho, mas quando chegava de noite, na hora de comparecer, ela não queria nada. Aí eu disse ‘não pode, desse jeito... eu não to deixando nada faltar pra você, e você não me quer’”. A reação de Major ao relato viril de Rei Salomão foi imediata: “Vai ver é porque ela tava grávida né?! Ela devia estar sensível, porque a mulher quando tá grávida... Mas poucos o ouviram já que estavam empolgados com a história do Rei Salomão e suas conquistas amorosas. (Diário de Campo – Grupo de Autores, 10/02/2012)

Major é muito preocupado com sua saúde, e com da sua família. Todas as reuniões de que participou falou sobre algum remédio que estava tomando ou sobre alguma cirurgia que iria fazer. Nesses relatos sobre saúde, geralmente remete a um cuidado excessivo que tem com a esposa e com a filha. Mas, esse cuidado com afeto não se deixa “ser afetado”, ou seja, ainda que Major consiga cuidar e transmitir afeto a família, não consegue ser afetado pelo cuidado da família.

## 5. Considerações Finais

Nos casos de abuso sexual, a diferença de idade, entre o abusador e a criança/adolescente abusado (a), complexifica e trás novos elementos das práticas de masculinidade que estão envolvidas nos casos de abuso. Nesse sentido, não há trabalhos que tratem diretamente a associação entre masculinidade e abuso sexual. Portanto, é necessário perguntarmos, como as noções e práticas de masculinidade perpassam os casos de abuso sexual? Quero apontar duas hipóteses que tentam responder essa pergunta.

Primeiro, os autores de abuso sexual realizam o ato baseados num suporte de noções de ação e direitos masculinos. Essas noções e “direitos”, que os autores utilizam como base de conduta, são, sobretudo históricos, passando também pela cultura, educação e nível de desenvolvimento das políticas públicas. A partir disso, o abuso sexual é realizado no contexto que o autor pensa ser propício para o ato.

Os casos de Chefe e Magistri são exemplares. Chefe utilizou seu poder como provedor da casa e da dependência financeira da filha e da neta. Nesse arranjo, buscou abusar da pessoa cuja relação de parentesco era a mais “distante” entre as pessoas da casa. Magistri aproveitou seu status de professor, adquiriu não só a confiança de seus pares, mas dos pais dos alunos, e construiu um contexto que lhe propiciava realizar o abuso sexual.

Segundo, não é apenas sexo ou erotismo, o que se busca (e às vezes não se busca isso em alguns casos de abuso sexual), mas atingir o outro que protege a criança. O caso de Rei Salomão é um exemplo de que ainda que a violência seja praticada contra a criança ou adolescente, o abuso pode indicar também uma violência contra o responsável pelos cuidados do menor. Rei Salomão abusou sexualmente do neto da esposa, mais especificamente, do filho do filho da sua atual mulher. Nesse caso, o abuso sexual atinge também o pai da criança, filho da esposa de Rei Salomão, representa uma subordinação do outro homem com status na casa.

O Abuso Sexual é uma prática que ultrapassa os limites estabelecidos sobre “certo/errado”, pois, o sexo de adultos com crianças, marcado pelo ato de violência, destrói as fronteiras que estabelecemos na vida social, pondo nossas categorias de definição do mundo em suspensão. As noções de infância, criança, pureza, consentimento e cuidado, são abaladas, e já não temos clareza do que é o quê, pois as noções úteis antes do Abuso Sexual já não servem. Mais uma vez, o caso de Chefe é exemplar, já que em suas falas faz questão de salientar que a menina de quem abusou “ainda é moça”. Ao atribuir à menina esse status, Chefe está dizendo que, se a menina não fosse mais virgem, não seria mais menina ou criança.

As noções que apresentei, de cuidado e ser cuidado, são possibilidades que o Grupo propõe, como formas de afetar as masculinidades dos autores. O Grupo de Autores pode mostrar que essa masculinidade, historicamente elaborada para oprimir, estuprar, e abusar, pode ser afetada por outras lógicas. Seus membros, ao se reunirem em grupo, elaboram acima de tudo um conhecimento de si, masculinidades que surgem contra a noção ideal de “ser homem”, pautada acima de tudo na impossibilidade de mudar e ser afetado.

Por fim, é necessário ressaltar que ao observar o Abuso Sexual partindo do autor, e as suas noções de masculinidade, buscamos nos deslocar de uma “crença” que tem ordenado a

lógica do combate e atendimento ao Abuso Sexual em Manaus. Nossa perspectiva busca reforçar que os responsáveis pelo abuso sexual são aqueles que o fazem. Promover políticas contra o abuso sexual significa ensinar a não abusar, não violentar, conscientizar acerca do direito que cada pessoa tem sobre seu corpo. 🌀

## NOTAS

\* Aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas. Quando submeteu o artigo cursava o 6º período. Participou do programa de iniciação científica da FAPEAM, na área de Ciências Humanas/Antropologia. E-mail: [nsouzalima@gmail.com](mailto:nsouzalima@gmail.com)

[1] Para Abuso Sexual partimos do conceito de Honorato (2013), onde “Abuso sexual contra crianças e adolescentes é o ato de submeter a criança ou adolescente, através da violência sexual, ao poder e a coerção do adulto, com a finalidade de subjugar e manter ou adquirir o controle sobre a criança e/ou sobre os responsáveis por ela”.

[2] Lowenkron ressalta que os usos das categorias relativas a violência sexual contra crianças ou adolescentes, são apropriados de acordo com os interesses das militâncias (de ONG's, órgãos públicos, mídia e políticos). Salienta que “a ‘exploração sexual comercial’ é entendida como um fenômeno complexo que articula diversos agentes, como aliciadores (inclusive familiares), ‘clientes’, ‘exploradores’, estabelecimentos comerciais, agências de viagens, hotéis, bares, boates etc. Inclui as seguintes modalidades: prostituição infantil, tráfico para comércio sexual, turismo sexual infantil e pornografia infantil. A ênfase é na vulnerabilidade das vítimas e na necessidade de sua proteção, sendo fortemente associada à ideia de vulnerabilidade social, articulado ao problema da ‘miséria’, das ‘famílias desestruturadas’, das ‘drogas’ etc”. (LOWENKRON, 2010)

[3] Na definição de Ribeiro (1999) um problema social é resultado de “um processo pelo qual um determinado grupo (velhos, mulheres, crianças, índios, etc.) é distinguido e a situação em que se encontram seus integrantes é considerada, por alguma razão, socialmente problemática. [...] A construção de um problema social envolve também sua transformação em objeto de mobilizações, disputas e alvo de políticas sociais”. (RIBEIRO apud WIGGERS, 2008).

[4] É importante ressaltar que o contrário também ocorre. A violência não é somente uma forma de exibir a “macheza”, mas pode ocorrer por que se é “macho”, portanto como manifestação “natural” da masculinidade.

[5] Autores é como chamamos no Creas os frequentadores do Grupo de Autores, que são acusados de abuso sexual.

[6] Os nomes dos autores são fictícios, pois não tenho autorização para publicar os nomes verdadeiros. Escolhi os nomes baseado em aspectos particulares a cada autor.

[7] Chefe, por exemplo, fez um painel, com seu nome por título, cheio de quadrados e o pregou na parede da casa. Cada quadrado dentro do painel representa uma função (ou papel) e é recheado de impressões dele sobre si mesmo.

[8] As fichas de atendimento são realizadas quando é realizado o primeiro atendimento psicossocial individual, realizado por funcionários do Creas.

[9] Rei Salomão não teve filhos necessariamente em quatorze relacionamentos, já que tem mais de um filho de um relacionamento. Esse fato é relevante para Rei Salomão, que considera mais importante a mulher com quem teve mais filhos (apesar de não ser casado com ela). Não tem filhos com sua atual esposa, porém esta ficou grávida três vezes dele, tendo abortado em todas as vezes.

[10] Expressão do interior do Amazonas que indica surpresa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Verbetes “Masculinidades”**. In: MACEDO, Ana Gabriela e AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Afrontamento, 2005, pp 122-123.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do Sul de Portugal**. Anuário Antropológico, pp 161-190, 1995.

CONNELL, Robert W. **Políticas Da Masculinidade**. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado entre os dias 28 e 30 de agosto de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma Revisão Teórica**. Florianópolis, Antropologia em primeira mão, UFSC, PPGAS, 1995.

HONORATO, Isabelle Brambilla. **Abuso sexual e as relações de poder na família: uma análise dos casos atendidos no CREAS – Manaus**. Relatório final PIBIC 2011/ 2012 - UFAM. Orientada pela Professora Doutora Raquel Wiggers. Manaus, 2012.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2009.

LOWENKRON, Laura. **Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas?**. Sexualidade, Saúde e Sociedade – Revista Latino Americana, Rio de Janeiro, 2010, n.5, p. 9-29.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e Violências – Gênero e mal-estar na sociedade**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, pp. 35-78, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. **Os homens e o masculino numa perspectiva de Relações sociais de sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, pp. 107- 128, 2004.

WIGGERS, Raquel. **Violência contra mulher: o que mudou em dez anos?** Fazendo o Gênero, Florianópolis, de 25 a 28 de Agosto de 2008.

Recebido em 1º de abril de 2013

Aprovado em 21 de agosto de 2013